

A moda feminina como arauta do moderno na província do Paraná: um olhar sobre a imprensa, relatos de viagem e imagens

Graciele Dellalibera Mello^I
Juarez José Tuchinski dos Anjos^{II}

Resumo: Este artigo visa analisar as representações das mulheres, presentes na moda e nos novos espaços por elas ocupados, demonstrando que tais aspectos eram tidos como situações modernas e civilizadas em relação a períodos anteriores na sociedade paranaense oitocentista, no período que compreende os anos de 1850 a 1880. A partir de fontes como a imprensa, relatos de viagens e imagens produzidas no período, buscamos delinear os variados comportamentos atrelados às mulheres e as disputas em torno dos seus corpos, principalmente as da elite. As representações femininas, produzidas por homens e mulheres, fornecem pistas sobre os hábitos vigentes e sobre as novas formas de tratamento que iam sendo absorvidas por uma parcela da população, ora causando engajamento, ora desconforto social, sendo observadas tanto na região do Paraná como em relação a outras regiões nacionais e/ou internacionais.

Palavras-chaves: História das Mulheres; Paraná Oitocentista; Moda no século XIX.

Feminine Fashion as a herald of the modern in the Province of Paraná: a look at the press, travel stories, and imagens

Abstract: This paper aims at analyzing the representations of women, present in fashion and in the new spaces occupied by them, showing that such aspects were seen as modern and civilized situations in relation to previous periods in the society of Paraná in the 19th century, particularly in the period between 1850 and 1880. Based on sources such as the press, travel stories, and images produced in that period, we seek to outline the various behaviors linked to women and the disputes in relation to their bodies, particularly those women belonging to the elite. Feminine representations, produced by men and women, provide indications about the contemporary habits and new ways of treatment that were being absorbed by part of the population, sometimes leading to engagement, sometimes causing social discomfort, being observed both in the region of Paraná and in other national and/or international regions.

Keywords: History of women; Paraná in the nineteenth century; Fashion in the 19th century.

Artigo recebido em 03/05/2021 e aceito em 04/06/2021

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Introdução

A emancipação da Comarca de Curitiba da Província de São Paulo, em 1853, sinalizou uma mudança nos rumos do pensamento político-social naquela região que, por sua vez, teve impactos nos enunciados sobre a mulher e seu papel na sociedade e nas discussões sobre sua educação, vestuário e as liberdades de seu corpo^{III}. Dessa forma, passaram a ser difundidas pela imprensa, na recém-criada Província do Paraná, tanto representações advindas daquelas relativas à instrução feminina, pública e privada, como daquelas que educam no sentido ampliado do termo, isto é, transmitindo hábitos, condutas e comportamentos^{IV}. Uma educação envolvendo a difusão de determinada cultura entre gerações, incutida em “romances, jornais, revistas, sermões, teatro, pinturas”^V e que cumpriu o papel de educar, de mudar opiniões acerca de determinados assuntos, como é o caso da escolarização, do trabalho feminino e particularmente da moda, que é o objeto de discussão neste artigo.

A partir do momento que tornamos as representações, ou os “esquemas intelectuais incorporados”^{VI}, acessíveis, elas são, portanto, passíveis de análise.

Jornais e revistas especializadas no público feminino circulavam de variadas formas no Paraná oitocentista, difundindo os trajes a serem usados no período, assim como, muitas vezes, contrastavam com opiniões da sociedade acerca deles. Opiniões, em geral, de homens – alguns deles políticos, outros viajantes estrangeiros cujas narrativas ganhavam visibilidade na imprensa ou nos impressos –, onde se disputava a construção do papel da mulher nessa sociedade paranaense requerida como moderna, sendo que as vestimentas nos dizem muito sobre a forma como elas e seus corpos eram vistos e tratados no período.

Para tanto, adota-se como recorte temporal as décadas de 1850 a 1880, mas retrocedendo ou avançando ao longo do século XIX sempre que necessário para efeito de comparação ou melhor compreensão do objeto de estudo.

As fontes centrais desta pesquisa são a imprensa, relatos de viagens e imagens produzidas por artistas do século XIX. No caso da imprensa, ela é aqui tomada, na acepção de Robert Darnton^{VII}, não apenas como narradora de eventos, mas partícipe dos acontecimentos que relata e, no caso dos discursos que veiculava sobre a vestimenta feminina, produtora das mudanças que seus artigos advogavam e crítica dos hábitos e costumes tidos por arcaicos ou incompatíveis com a nova situação da mulher na sociedade paranaense. Analisamos os relatos de viagens, por meio das quais viajantes europeus tentaram registrar a vida, os hábitos e costumes da população brasileira no oitocentos, de forma nem um pouco neutra, mas a modo de tradução cultural, conforme Pallares-Burke. Assim, são encarados por nós como textos que vão inferindo sentidos e significados à luz do próprio quadro de referências de seus autores – carregando por isso, com frequência, preconceitos e estereótipos – mas descrevendo, assim mesmo, eventos reais, cujos significados ocultos aos olhos do viajante podem ser desvelados pelo historiador, por meio de uma leitura a contrapelo^{VIII} de tais relatos. Por fim, as imagens – pinturas, gravuras, litografias, etc. – são aqui utilizadas como propõe Marc Ferro, isto é, como testemunhos que devem ser examinados pelas relações que estabelecem com a sociedade que as produz e as recebe, fazendo-se uma “contra análise social por aquilo que revela do não-dito, do não-visto, dos lapsos de uma sociedade”^{IX}.

Feitos esses apontamentos introdutórios, é hora de rumarmos ao Paraná Oitocentista...

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

A modernização e a mulher pelas lentes impressas

Na década de 1850, a recém-criada Província do Paraná contava com uma população de cerca de 62.000 pessoas, divididas quase que igualmente entre os sexos, sendo 31.219 homens e 31.032 mulheres, segundo o relatório de seu presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos, do ano de 1854^X. Esse anúncio do presidente, no âmbito da escolarização elementar, tinha como uma de suas metas inserir as mulheres no projeto de progresso da província^{XI}, instituindo a criação de mais cadeiras femininas na instrução pública, dado que nos conduz a pensar num incentivo ao incremento da leitura entre elas, ou algumas delas, o que as levaria a adentrar o mundo dos periódicos e impressos ali postos em circulação.

No decorrer do século XIX, no Paraná e em outras regiões do Ocidente, a imprensa recebeu um papel de destaque frente à grande demanda na produção de impressos, evidenciando uma grande aspiração da sociedade moderna pela comunicação e pelo discurso; ou seja, a necessidade de expressar que o pensamento deveria estar constantemente aberto às transformações que se faziam indispensáveis^{XII}. Entendemos, ainda, com Carlos Eduardo Vieira^{XIII}, que o conceito que define a imprensa é mais dilatado, não aludindo somente ao jornal diário ou semanal, mas a outros materiais produzidos de forma impressa com a função de propagar suas opiniões na sociedade.

As contradições percebidas através do vocabulário da imprensa eram demonstrativas das rupturas em relação ao pensamento vigente. Muitas vezes, procurando delinear novas formas de pensamento ocorria de se tropeçar no tradicionalismo da época, o que gerava certa divergência sobre o que seria novidade ou não na sociedade, algo que ainda pode ser percebido por outro tipo de impresso, os relatos de viajantes. Nesse sentido, o conceito de modernização, a partir de Norberto Bobbio^{XIV}, permite que se avalie os diferentes graus em que esse avanço político, social e econômico aconteceu nos continentes, países e, no nosso caso, na região do Paraná em relação às demais Províncias e à Corte.

Desse modo, tanto as mudanças geográficas quanto as sociais, “a vida e o movimento”, sentidos e descritos por um Pires de Almeida^{XV} no Rio de Janeiro, quanto a calma descrita por um Saint-Hilaire^{XVI} em Curitiba, em período anterior à emancipação, e que se assemelhava a outras cidades do interior do Brasil, levam-nos a analisar com ressalvas as diferentes influências desses processos no Brasil e na região do Paraná.

Parte desses eventos eram registrados pela imprensa, veículo que se tornava a principal forma de expressão e de formação da opinião pública nesse período^{XVII}. Os jornais femininos, “primeiros e principais veículos da produção letrada feminina”, segundo Constância Lima Duarte, giraram em torno de 143 impressos femininos e feministas, produzidos no século XIX, no Brasil. Entre os jornais femininos, também foi encontrada a participação masculina, principalmente no início das produções. O objetivo desses impressos variava desde o incentivo pela emancipação política e jurídica da mulher à manutenção do *status* conservador, sem deixar de passar também pelo entretenimento^{XVIII}. Dessa forma, tentamos rastrear a presença e a possível influência desses impressos destinados às mulheres na Província do Paraná, principalmente no que tange a moda como arauta do moderno, tomando como ponto de partida o primeiro jornal local, o *Dezenove de Dezembro*^{XIX}, que anunciava a venda de outros periódicos e revistas direcionados ao público feminino. Cândido Martins Lopes era um carioca que fundou a tipografia Paranaense no Paraná em 1854, editando o mesmo impresso até sua morte em 1871^{XX}.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Na coluna *Anúncios*, do jornal *Dezenove de Dezembro*, é oferecida ao público, em 1855, a assinatura do carioca *Jornal das Senhoras*^{XXI}, “redigido por uma senhora” e que “Além de seus excelentes e variados artigos, traz sempre figurinos das modas e as mais modernas peças de músicas^{XXII}. As edições 3, 5 e 6 do *Dezenove de Dezembro* de 1855 trazem anúncios desse impresso, sendo que na edição de número 2, aliás, se oferecia uma anedota retirada do jornal anunciante, o *Jornal das Senhoras*.

Em 1857, a gráfica do carioca Cândido Martins Lopes – proprietário do *Dezenove de Dezembro* – anuncia, uma única vez, o projeto curitibano de criação de *O Jasmim*, “um jornal destinado a ser um recreativo às moças da região e pede que os interessados levem textos para publicação”^{XXIII}. Sem que o jornal fosse editado por mulheres, Lopes convidou todos os interessados a participarem, o que incluía as damas letradas que se dispusessem a tal.

O Jasmim teve cinco exemplares do ano de 1857, resgatados e reeditados em 1980 pelo Governo do Estado do Paraná e são encontrados na Hemeroteca Digital^{XXIV}. Nesses exemplares, se visualiza a seção *Prospecto* (abertura) dizendo que se destinava à distração, as histórias da *Folhetim*, textos sobre a mãe de família, poemas assinados com abreviaturas, enigmas e charadas. Na seção *Anúncio*, indica-se a casa de Philipe Sarty como local de venda de vários títulos, desde a “Galeria dos brasileiros ilustres” a variados títulos estrangeiros sobre medicina, música, economia, ciência e a revista francesa dedicada às mulheres *Magasin des Demoiselles* (1844-1896), bem como o reclame: “Recebe-se assinatura para qualquer publicação que se indicar, como também se encarrega de qualquer encomenda em livraria e música”^{XXV}.

Encontramos no *Dezenove de Dezembro*, agora em 1879, um anúncio do *Echo das Damas*^{XXVI}, do Rio de Janeiro: “Publicação útil às senhoras. Órgão dedicado aos interesses da mulher, recreativo, noticioso e científico. Propriedade de Amélia Carolina da Silva Couto”^{XXVII} (RJ). Chamamos atenção para a propriedade ser feminina e da pretensão em diferenciar o impresso ao anunciá-lo como científico. Nos demais impressos, geralmente se anunciavam como assuntos femininos a recreação, a música, no máximo o noticioso e a moda, já que o espaço da ciência era, em geral, requerido pelos homens.

Nas páginas do *Echo das Damas*, são encontradas menções a atividades das mulheres no mundo: o ingresso de Mathilde J. Fletcher no curso de medicina em Nova York, cartas que noticiam uma mulher que se veste de homem em Portugal e outra que salvou uma criança de um incêndio na Bélgica, nota sobre a discussão de direitos das mulheres nos EUA e peças de teatro em cartaz. Seu primeiro editorial foi em defesa dos interesses da mulher:

As academias receberam grande número de formosas americanas que foram beber nos livros da ciência os grandes mananciais de conhecimentos que as habilitam a desempenhar o papel mais nobre perante a sociedade e a prestar um serviço mais útil perante o mundo ilustrado. [...] A mulher inteligente (rasura) está no caso de desempenhar as funções que a medicina e o magistério têm outorgado até agora, principalmente aos homens^{XXVIII}.

São apresentadas duas profissões em que as mulheres vinham galgando espaço e posições entre os homens, a medicina e o magistério. Em outras edições, o impresso seguiu noticiando sobre moças que iriam e/ou já estavam cursando medicina pelo mundo ou matérias como a de Francisca de Sant’Anna Pessoa^{XXIX} que defende o papel da mulher na medicina, dadas suas ligações com a infância e com a anatomia do corpo feminino, fator que lhes daria

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

maior tato para atuar no parto, por exemplo. Na edição de número 4, a coluna *Sciencia* trouxe uma análise sobre os estudos de corpos celestes elaborada por vários cientistas, dentre eles os experimentos de Newton. Os muitos anunciantes do *Echo das Damas* ainda forneceram informação sobre produtos que eram destinados ou intermediados pelo público feminino; dentre eles, os colégios de meninas, médicos e dentistas, perfumistas, boticários além das casas de bordados, modistas, costureiras, casa de modas, de fantasias, loja de chapéus, de vestidos, de máquinas de costura, entre outros afins.

Em 1886, também nos deparamos no *Dezenove de Dezembro* com um único registro do recebimento do periódico paulista *A Camélia*^{xxx}, na tipografia de Lopes. Aqui não sabemos se apenas como uma cortesia entre tipografias ou se uma forma de se propagandear entre outros logradouros o “órgão recreativo e noticioso (S. Christovão)^{xxx1}”.

Muitos trechos reproduzidos no Jornal *Dezenove de Dezembro*, visando ao público feminino, possivelmente eram provenientes de jornais da Corte ou outras regiões^{xxxii}. Muitas dessas matérias, escritas por homens, vão tentar explicar ou encontrar o papel da mulher naquela sociedade diante daquilo que receberam de influências perante as tradições já enraizadas. Esse choque de ideias gerou conflitos entre o que era considerado próprio ou não como modelo às mulheres paranaenses, disputa que se tornou visível nesses impressos do período, conforme veremos a seguir.

A moda como arauta do moderno: liberdade ou regeneração?

Uma evidência em algumas das colunas dos impressos em circulação na Província do Paraná era a disputa pelo corpo da mulher e a discussão acerca da moda incrementou ainda mais esse campo, dada a imposição da efemeridade da moda que ganhou força no século XIX^{xxxiii}.

Na matéria abaixo, eram convocados como argumentos modernos tanto a moda, de maneira a libertar o corpo das mulheres do peso e das velhas formas, quanto a diversão, ambos tratados como algo necessário e desejado aos povos civilizados.

A mesma mantilha preta, pesando constantemente sobre o corpo da mulher, desde o alto da cabeça até os pés, escondendo-lhe o rosto, as formas, e dando-lhe a sinistra aparência de um besouro, já vai sendo menos usada; e esperamos brevemente ver extinto este detestável uso, que faz desaparecer, como um negro casulo, as formas, às vezes elegantes, de um corpo de mulher. E a casaca, o ligeiro paletó, o chapéu de seda, as luvas de *Jouvin*, as botas envernizadas; os delicados chapés de *bloude*, as sedas transparentes, os mateletes de variadas cores e formas; os engraçados penteados à *Ziparini*, a *Stuart*, a fantasia: tudo isto em breve dará por terra, e repelirá para o campo, para as festas da aldeia, os ponchos e as mantilhas pretas, os capotes, e toda a sua rústica comitiva. O que nos falta agora são os divertimentos, onde, como em um palco cênico, tudo isto se patenteie; as distrações, tão essenciais à vida de um povo civilizado, como a farinha de milho e o feijão para o homem rústico^{xxxiv}.

A ânsia por uma sociedade mais moderna tomava forma através do modismo e da estética que começava a ser demarcada como diferencial entre o velho e o novo. O discurso acima enaltece vários dos aparatos da nova moda praticada na Europa e no Rio de Janeiro, demonstrando seu contato com ela.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Imagem 1. Aimé-Adrien Taunay, mantilha feminina, 1825, aquarela e nanquim



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Imagem 2. Magasin Des Demoiselles, litografia, 25 mars. 1857, J. Desjardins



Fonte: Rijksmuseum

Evocamos acima (fig. 1) a aquarela *Costume de São Paulo*, do pintor francês Aimé-Adrien Taunay^{XXXV}, registrando o que parecia ser uma cena do cotidiano, posto que vemos duas moças utilizando as tais mantilhas pretas, rendada nas bordas, com influência portuguesa e espanhola^{XXXVI}. Esse traje, como podemos notar, serviu para esconder imperfeições e doenças, para realizar várias atividades com discrição, tendo serventia para práticas ilícitas, realizadas por ambos os sexos^{XXXVII}.

Nos outros dois trajes, da senhora de xadrez e da menina, visualizamos, segundo Eudes Campos, o *saio* (ou *ropa* ou *roupão* ou *capote*), uma espécie de casaco longo, de tecido incorporado, aberto na frente e utilizado por cima dos vestidos de noite ou para viagens, também com origem espanhola/portuguesa. Conforme a influência de outros países e da moda se ampliavam, são adicionados adornos e tecidos importados e/ou mais nobres para sua confecção, tornando-se sinônimo de distinção entre senhoras e senhoritas de famílias abastadas^{XXXVIII}. Como vemos na imagem de Aimé-Adrien Taunay, algumas senhoras utilizavam chapéus, que nesse período se assemelhavam a “toucas bufantes ao recente gosto europeu, abundantemente adornadas com plumas”^{XXXIX}. Nos trajes da fig. 1, ainda era possível observar tanto o peito dos pés à mostra quanto as sapatilhas baixas utilizadas por elas, diferentemente da fig. 2, onde somente os sapatos da menina são notados.

Na fig. 1, temos dois costumes colocados lado-a-lado, um antigo e outro consideravelmente novo para o período. Embora a mantilha e o saio tivessem como finalidade a cobertura das formas do corpo feminino, as mulheres de roupão usavam vestes chamativas, coloridas e adereços mais atualizados ao momento, deixando o rosto a mostra.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Dessa forma, trajes considerados modernos e, por vezes, dissidentes, foram temas de impressos no século XIX, tanto aqui no Brasil como em outros lugares do mundo. Caso das saias-balão ou crinolinas, que segundo Maria Alice Ximenes tinham armações de metal ou barbatanas com a finalidade de aumentar o volume, como vemos na fig. 2, e rendiam boas discussões na imprensa, por vezes, cheias de sarcasmo:

Insensivelmente a muita roda das saias foi afastando os homens pouco a pouco do lado das mulheres. Duas enchem um camarote, seis tomam uma sala toda, de sorte que se lhes não pode falar senão cá da porta. N'uma carruagem mal cabe a mãe e o filhinho de seis anos. N'um baile andam os homens sumidos em ondes de saias, sendo necessário abrirem caminho com os braços, como se estivessem nadando entre vagas encapeladas. O que é certo é, que daqui amanhã terão os pares de se comunicarem por meio de cordões, o que deve dar um aspecto mui original às danças. Uma valsa a cordão deve ter que ver! Os bailes então hão de aparecer, mal comparados, um circo olímpico^{XL}!

Além de fazer graça com o volume das saias e do espaço por elas ocupado, cita que o aparato chegou a afastar os homens do lado das mulheres, promovendo maior liberdade para as senhoras, sem que precisassem andar de braços dados com eles, o que não agradava a todos: “Os maridos, os manos e os primos, gente insuportável, que não pode viver sem mando e poder, conspiram-se contra esta moda de liberdade, de civilização, de independência e até de regeneração^{XLb}”.

Na fig. 2, a ilustração de moda do *Magazin des Demoiselles*, indicado por Philippe Sarty como vendido na região do Paraná, nos permite imaginar que tipo de imagem circulava entre as mulheres das classes mais ricas, demonstrando a influência dos trajes franceses através dos impressos da época.

Diferentemente dos trajes das senhoras pintadas por Aimé-Adrien Taunay, essas senhoras não mais cobriam o corpo e rosto com o manto, algo que começou a se efetivar em terras brasileiras, segundo Eudes Campos, com o decreto do Príncipe Regente de 1810 e que, na prática, só deixou de ser usado completamente por volta de 1870. Dois dos trajes da fig. 2, da mulher de roxo e da menina, trazem mangas longas e chapéus, indicativo de uso externo.

O recato dessa moda europeia se encontrava na quantidade e no volume dos tecidos, sem deixar de frisar a sensualidade, demarcando a região pélvica, já que boa parte dos vestidos trazia um desenho em forma de V, da finíssima cintura para baixo, o que ainda ampliava os quadris femininos^{XLII}.

Se comparada à mantilha que cobria, anteriormente, o rosto e o corpo das mulheres, talvez essa moda trouxesse mais liberdade. Entretanto, por baixo da antiga mantilha ou do seu primo mais moderno, o saio, a moda que imperava era de origem neoclássica, também importada da França da virada do século XVIII para o XIX, e que como veremos se adaptava melhor ao nosso clima por ser mais leve na quantidade e tipos de tecidos.

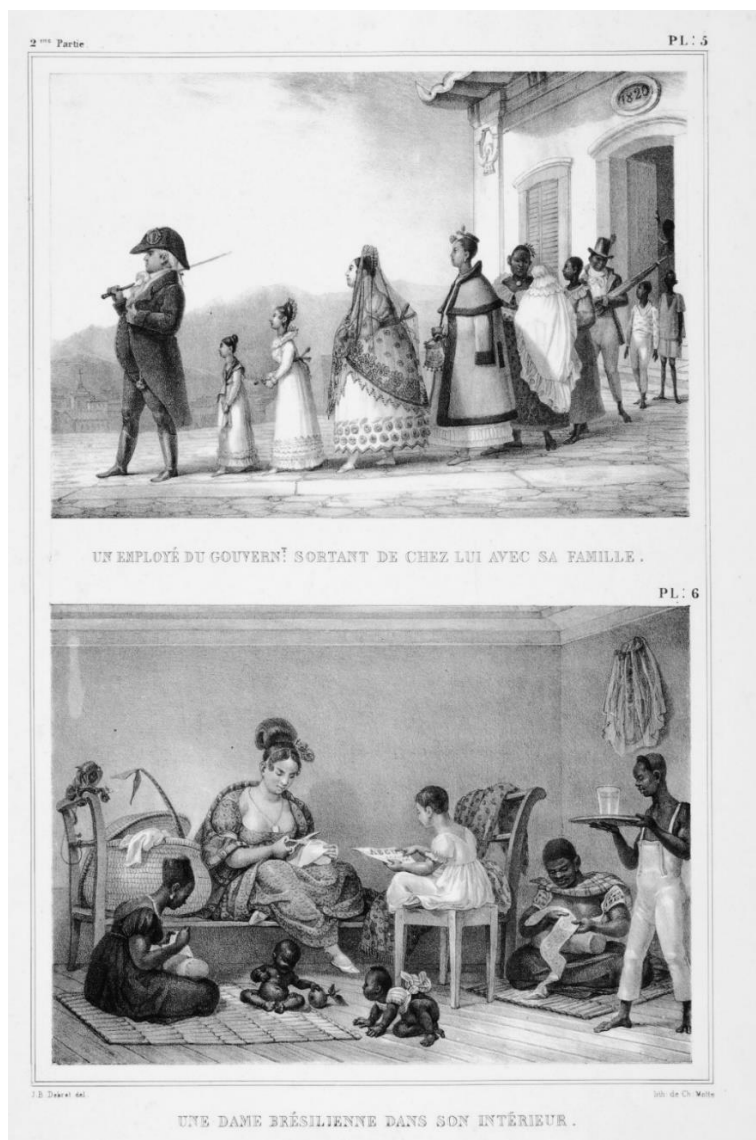
A moda e o corpo feminino pelo olhar do viajante

Observemos duas pranchas litográficas do livro de Debret, *Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil* (fig. 3).

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Imagem 3. Auguste Debret, “Funcionário público saindo de casa com a família” e “Uma senhora brasileira em sua casa”, litografia, 1835



Fonte: Biblioteca Brasileira

Na parte de cima, *Funcionário a passeio com sua família*, os trajes femininos são baseados na moda Neoclássica ou Império^{XLIII}; o uso do véu transparente pela primeira mulher da fila (possivelmente a esposa) e o roupão ou saio na seguinte, na senhora negra, sendo que as demais, sem tal paramento, utilizam vestidos com mangas longas.

Nessa imagem, fica também evidente uma distinção entre as mulheres negras, apenas uma delas usa calçado, sendo bem trajada com vestido, saio e adornos em sua cabeça. As outras duas estão trajadas com vestido; contudo, sem sapato, assunto destacado mais à frente. As duas meninas sem véu, atrás do funcionário, usam seus modelos neoclássicos de mangas longas e branco, cor que na corte francesa se relacionava à hierarquia social, conforme explicam Carmo

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

e Orsi, remetendo ao nível de nobreza das moças ou também sua falta de relação com o trabalho braçal, demonstrativo da riqueza do chefe de família.

Na segunda parte da prancha, vemos o interior de um lar, espaço que nos permite observar as relações de convivência entre a mulher branca e as negras, adultos e crianças, além de podermos observar seus trajes e ocupações. As mulheres estão ocupadas com costuras e bordados, sendo que a menina branca está em atividade educativa, segurando um alfabeto, os pequenos engatinham e o menino de macacão serve água. Os vestidos eram de modelo neoclássico e traziam um decote muito acentuado, braços de fora e o final das pernas à mostra, em geral tornozelos e, por vezes, parte das canelas. Tudo isso ficava *resguardado* pelo lenço que podia ser transparente, facilmente retirado e/ou nem sempre era usado por todas as mulheres, como vimos na parte de cima da prancha. Tal modelo de vestuário traz uma relação mais prática com o clima tropical do país, principalmente, nas regiões mais quentes como no Rio de Janeiro.

Pensando em relacionar as vestimentas por outro ângulo de visão, trazemos a roda algumas das observações feitas por exploradores e viajantes que passaram pelas terras brasileiras, incluindo a Província do Paraná, e deixaram alguns olhares, masculinos e com filtros variados - de religião, de país, de cultura - sobre estas mulheres e suas roupas, vistas fora das revistas e impressos.

Começemos pelo relato do médico alemão Robert Christian Avé-Lallemant^{XLIV}, em viagem de Joinville à Curitiba, acompanhado pelo senhor Aubé e sua esposa que o escoltavam até o limite do território. Ele observou tanto a desenvoltura da moça na montaria, quanto sua ousadia com relação à moda:

Aliás a gentil e jovem esposa do diretor realizara a façanha de mostrar que um gracioso pé de senhora podia percorrer a rude picada na floresta até à serraria do Cubatão. [...] Num bonito vestido de montar, a que não faltava certo *bloomerismo*, venceu ela com mais facilidade do que nós quase todas as dificuldades da picada, animando a coluna de viajantes com o seu exemplo [...]^{XLV}.

O movimento do *bloomerismo* contestava o uso das grandes saias com armações como a crinolina e, que por sua vez, não eram nada práticas nas atividades do cotidiano, o traje era composto por “vestido solto abaixo dos joelhos, usado com calças afofadas até o tornozelo” e não foi bem aceito socialmente^{XLVI}.

Talvez a jovem tivesse copiado seu traje de alguma revista, jornal ou simplesmente improvisado na confecção, adaptando-o para realizar a atividade da montaria com praticidade e maior liberdade, como nos parece no relato. O que nos chama a atenção é era o olhar do médico e viajante europeu, já informado sobre o modismo em questão.

Imaginamos que o conhecimento de determinados modismos, como o do traje *Bloomer*, fosse acessível a uma pequena parcela da população, tanto quanto os próprios impressos que os difundiam. De algum modo, as mulheres da camada mais rica é que, provavelmente, fariam tais exemplares chegarem às mais simples, por assimilação ao seu modo de vestir ou compartilhamento desse vestuário quando fosse substituído por peças novas, por exemplo.

Outro viajante que passou pela região do Paraná foi o francês Saint-Hilaire^{XLVII}, que, em 1820, viajando por Pitangui, era surpreendido por D. Balbina, na Fazenda dos Carrapatos. Ela o recebeu sozinha na ausência do marido fazendeiro. Saint-Hilaire, para a felicidade dos

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

pesquisadores, tratava de reparar e registrar os trajes da anfitriã, como havia feito em outras ocasiões:

[...] ela usava um vestido de chita muito decotado e um xale do mesmo tecido, cujas pontas caíam de cada lado do peito. Todas elas traziam as pernas nuas e os cabelos arrepanhados por um pente, e todas usavam um comprido colar de ouro e, nas orelhas, brincos de brilhante^{XLVIII}.

A chita, de origem indiana, era exportada para a Europa e Brasil, hoje associada às camadas mais populares, já teve seus momentos de glória, sendo “[...] objeto de desejo das elites europeias, e também roupa de trabalhadores livres, escravos e camponeses no Brasil”^{XLIX}. Assim, havia uma possibilidade de o traje desta senhora não ser tão simples quanto a descrição, hoje, pode parecer. Recordamos que ela mesma também utilizava algumas joias, um possível indicativo de posses.

Voltemos nossos olhos novamente à parte de baixo da imagem de Debret (fig. 3), a *Senhora Brasileira em sua casa*, que traz muito da descrição de Saint-Hilaire sobre as roupas da esposa do fazendeiro. As demais moças da cena se diferenciam pela ausência do xale; entretanto, a moça negra à direita da imagem também usa colar e brincos: presente da patroa? Demonstrativo do grau de intimidade dela no seio dessa família? Certamente, nesse momento, não conseguiremos sanar todas as questões que a imagem pode oferecer se olhada com acuro. Entretanto, as joias entre as escravizadas e, principalmente, as libertas, demonstrava uma questão hierárquica que, por vezes, se mesclava a referências religiosas e remetia a seu *status* social sendo, em geral, resultado do seu trabalho e advindas de uma ourivesaria nacional^L. Caso observado no testamento da liberta Maria da Costa que declarou possuir dentre brincos, braceletes e outros joias, cerca de 600 gramas de ouro, além das indumentárias em veludo e sapato com fivelas^{LI}.

O engenheiro e escritor inglês Thomas Plantagenet Bigg-Wither^{LII} (1845-1890) observou os trajes das moças, na década de 1870, na Colônia Teresa, próximo a Tibagi e Ponta Grossa, durante um baile:

Uma noite fomos convidados gentilmente a ir a um baile chamado de "fandango", dado por um caboclo da aldeia. Curling e eu fomos juntos, atendendo a cuidadoso convite escrito. Ao entrar na casa em que a festa ia se realizar, encontramos logo em espaçosa sala de terra batida e, em sua volta, estavam as belezas da aldeia, encostadas à parede, decente e elegantemente vestidas em algodão estampado, todas cuidadosamente preparadas para a ocasião. [...] Cada um dos rapazes escolheu uma comparsa, formando-se dez pares, que se dispuseram em forma de roda, no meio da sala, e a dança começou. Em passo batido e lento, mas rítmico, acompanhando as violas, os homens começaram primeiro a dançar, adiantando-se e retirando-se para o centro do círculo alternadamente, e as mulheres também batiam os pés, mas não avançavam^{LIII}.

O traje dessas moças parecia elegante, porém feito de algodão estampado e em nada sugeria revelar semelhança com os trajes modernos que continham saias volumosas a base de crinolina. A dança não demonstrava ser amoral para os padrões da comunidade; contudo, parecia haver certas regras para sua realização, além de papéis específicos para ambos os gêneros em sua composição. O traje das donzelas precisava permitir que estas dançassem, se locomovessem e batessem os pés, algo que talvez não fosse possível com as crinolinas. Logo

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

um vestido com formato assemelhado ao da *Senhora Brasileira* de Debret, e com a barra mais curta, talvez fornecesse a mobilidade necessária a dança, sem, contudo, deixar a elegância de lado.

O *Jornal da Senhoras*, vendido na Tipografia Paranaense, evidenciava a última moda nos figurinos sugeridos às damas leitoras do impresso, incluindo as paranaenses. Apesar dessa moda estar ligada a regiões mais frias, como a Europa, podendo ser mais confortável utilizá-la em determinadas regiões do que outras, parece ter sido assimilada pela burguesia nascente, ou seja, independentemente de causar calor, a elegância e a última moda deveriam ser mantidas.

Imagem 4. Figurino de Grande Baile, 1852



Fonte: Jornal das Senhoras

Assim, com as imagens do parisiense *Magazin des Demoiselles* (fig. 2), uma das mulheres da fig. 4 está com os braços e ombros descobertos, significando que seu figurino deveria ser usado em um baile ou *soirée*, geralmente à noite^{LIV}. O outro vestido da fig. 4, de mangas longas também poderia ser usado à noite, já que trazia um profundo decote, em que diferia do traje da senhora localizada a esquerda da fig. 2, trajada de roxo e com colo bem fechado para um passeio.

As imagens de algumas dessas revistas do período permitem a visualização de decotes trabalhados, alguns bem amplos ou levemente velados com renda, cinturas muito finas e bem demarcadas, cabelos presos e/ou com adereços (toucas, chapéus, laços), a saia era longa a ponto de esconder os sapatos, diferentemente do vestido império que permitia enxergar as sapatilhas utilizadas pelas damas. Os vestidos do dia parecem mais velados, e de tecidos pesados.

Ainda em referência ao aprisionamento do corpo, não podemos deixar de notar que o jornal *Dezenove de Dezembro* traz matérias enaltecendo a última moda, ao mesmo tempo que publica anúncios de venda e fuga de mulheres negras escravizadas, condição socioeconômica que não estava mais em vigor em outros países tidos pelos governantes como *avançados*:

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

**GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS**

“VENDE-SE uma preta, crioula, idade 25 anos, sabe cozinhar, lavar e engomar; para maiores informações procure-se nesta tipografia que dirá com que deve tratar”^{LV}.

Tal constatação, a nosso entender, deixava a Província do Paraná e o Império, em 1855, inserida em uma situação que, atualmente, nos parece ambígua em relação ao tratamento ofertado a essa camada da população feminina. O comércio de seres humanos acontece em um veículo dito moderno e que pretendia promover o modo de vida mais civilizado entre as mulheres da província.

Outro dado curioso, somado ao anúncio, é que a moda, mesmo como distintivo de classes, ultrapassava a classe mais nobre, chegando às libertas ou alforriadas, como vimos em algumas das imagens de Debret e na questão hierárquica do uso de joias.

Inicialmente, lemos sobre as revistas e jornais de moda, destinados ao público feminino, e que a evocavam como sinônimo de moderno e de civilizado. Na sequência, trouxemos para análise imagens de alguns impressos do período, hoje, passíveis de serem pesquisadas em arquivos digitais. A essas imagens, foram somadas pinturas de Debret e Aimé-Adrien Taunay, além dos relatos de viajantes que estiveram em terras brasileiras durante o século XIX, presenciando esse cotidiano e nos legando vestígios acerca dos trajes usados. Entretanto, podemos nos questionar sobre que outros materiais nos permitem essa comparação com as mulheres que viveram no Paraná Oitocentista, recorrendo a outras imagens disponíveis.

A moda oitocentista nas telas da pintora paranaense Iria Corrêa

Evocamos duas fotografias da pintora Iria Corrêa, assim como duas de suas pinturas, a fim de demonstrar como a moda de fato influenciou a classe de mulheres burguesas no Paraná Oitocentista.

Iria Corrêa (1839-1887), descendente de uma das famílias ricas da cidade litorânea de Paranaguá, um dos centros comerciais e culturais da Província do Paraná, no século XIX, deixou retratos que hoje permitem observar seus dois vestidos em estilo vitoriano ou aproximados aos vestidos com crinolina. Cintura afinada pelo espartilho, tecido pesado e escuro na fig. 5, mais estampado na fig. 6, ambos fechados abaixo do pescoço, sem decotes e com mangas longas, o que poderia ser sinônimo de um vestuário diurno. Em ambas as imagens, a retratada usa brincos e na fig. 6 vemos também um broche.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Imagem 5. Fotografia de Iria Corrêa



Fonte: José Maria Faria de Freitas
IHGParanaguá

Imagem 6. Adaptação da técnica de daguerreotipa para fotografia (Iria Cândida Corrêa).



Fonte: IHGParanaguá

Os vestígios, demonstrados pelas duas fotos de Iria Corrêa, nos dizem que os vestidos a moda vitoriana fizeram parte do figurino dessa parcela da sociedade paranaense. O que ajuda a reforçar tal ideia são as próprias pinturas realizadas por Iria Corrêa e que retrataram outras senhoras do seu círculo social e parental.

No vestido de sua prima Delfica Guimarães (fig. 7), vemos o mesmo modelo do vestido, até onde conseguimos visualizá-lo, na cor preta que era comumente associada a burguesia no período^{LVI}, gola com detalhes rendados, mangas com laços, joias discretas, entretanto presentes: brinco, broche e pulseira. O cabelo preso identicamente à fig. 6, exceto pelo arco que o adorna o de Iria Corrêa.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

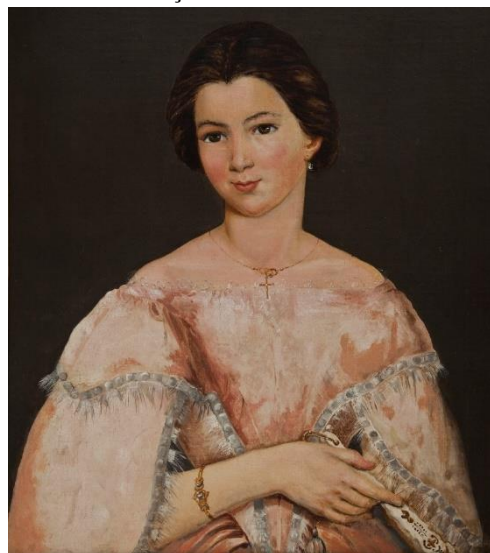
GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Imagem 77 Iria Corrêa, “Delfica Guimarães”, 1860, óleo sobre tela, 73x59 cm, Coleção David Carneiro.



Fonte: Museu Paranaense.

Imagem 8. - Iria Corrêa, “Rita Loyola Marques”, s/d, óleo sobre tela, 71,5x58cm, Coleção David Carneiro.



Fonte: Museu Paranaense.

Se antes a mantilha protegia sua usuária (ou usuário) dos olhares ao redor, a moda dita mais moderna trazia um vestido de tecido pesado e armação relativamente grande, limitava os movimentos das damas, mesmo tendo-as libertado do manto. A proteção era mais moral já que a usuária pouco deixava a mostra nos vestidos de sair, sobrando aos olhares alheios o rosto da dama e a cintura bem-marcada. Nesse caso, lembremos que era possível usar chapéus, conforme mostra a fig. 02.

Já o modelo noturno de Rita Loyola (fig. 8), também pintada por Iria Corrêa, nos permite ter um acesso maior ao corpo da modelo. Ele tem uma abertura que deixa todo colo e ombros a mostra, contudo impõe-nos a sua religião à liberdade investida em seu traje, marca registrada pelo terço em seu pescoço. O penteado se assemelha ao de Delfica Guimarães e da própria pintora em suas fotos, sinal de que era *moda* entre as donzelas e senhoras da classe abastada e familiarizada com tal pompa.

Iria, Delfica, Rita e possivelmente todas as senhoritas representadas nas revistas de moda do período não conseguiriam mais se sentar ao chão ou com as pernas cruzadas, tal como fizera a *Senhora brasileira* e suas acompanhantes. Era preciso *ter modos* para caber na nova coleção preconizada pelos impressos femininos e adquirir novos hábitos para se revestir da aura dessa mulher moderna, inserida nas novidades promovidas por uma parcela da população do período.

Considerações finais

As representações, como conjunto de práticas sociais construídas, variaram de acordo com o período, disseminando ideias sobre como deveria ser o comportamento das mulheres na sociedade da quinta comarca de Curitiba e mais tarde na Província do Paraná. Dessa forma, as vestimentas das mulheres chamavam a atenção de pintores, viajantes, redatores de impressos,

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

tornando-se um filão de mercado em vários segmentos. Neste texto, analisamos alguns dos impressos destinados ao público feminino, vendidos na região do Paraná e indicados pelo primeiro impresso desta província, o *Dezenove de Dezembro*. Contrastamos as informações deles retiradas com as demais fontes indicadas a fim de relativizar o dito por palavras e/ou por imagens, permitindo uma maior reflexão sobre questões como liberdade ou aprisionamento de corpos femininos no século XIX.

Para finalizar nossa análise, afirmamos que a moda, representacional de uma parcela de corpos femininos do período, se estendeu para fora dos impressos femininos, internacionais e nacionais. Ela modelou representações que deveriam ser seguidas, por pelo menos, uma parte das senhoras e senhoritas que tinham acesso tanto a informação produzida pelos impressos quanto a renda para adquiri-la.

Verificamos que as representações sobre como era viver em uma sociedade mais avançada iam se disseminando através dos impressos, visando e conseguindo inculcar novos hábitos nessa província, nesse caso, sobre os corpos femininos, clamando a moda como elemento moderno e civilizado, sendo, portanto, defendida por alguns e questionada por outros. Observada a partir do ângulo de alguns relatos de viagens e imagens, percebemos que a moda podia ser tomada como um elemento de distinção de classe, independentemente da raça, acrescentando características hierárquicas visuais entre as suas usuárias. Na busca por fontes da moda, também foi possível verificar que as mulheres estavam à frente de alguns impressos e ajudando a fomentar as representações sobre seu próprio gênero, assim como começavam a discutir a ocupação de novos espaços, com ideias sobre sua profissionalização no magistério e na medicina.

Notas

^I Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, professora da disciplina de arte da rede pública do Estado do Paraná. E-mail: gracidemello@gmail.com

^{II} Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional da UnB. E-mail: juarezdosanjios@unb.br.

^{III} MELLO, Graciele Dellalibera de Mello. **As representações de gênero e a educação feminina no Paraná Oitocentista (1849-1886)**. Curitiba, PR. Dissertação – Dep. de Educação, Univ. Federal do Paraná, 2018.

^{IV} ANJOS, Juarez José Tuchinski. **Pais e filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família**. Curitiba, PR. Tese – Dep. de Educação, Univ. Federal do Paraná, 2015.

^V PALLARES-BURKE, M. L. **A imprensa periódica como empresa educativa no século XIX**. Caderno de Pesquisa, 1998, p. 144-161.

^{VI} CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª edição, Rio de Janeiro, RJ: Difel: difusão editorial, 2002, p. 17.

^{VII} DARTNON, Robert. Introdução. In: DARTNON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa: a imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

^{VIII} BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

^{IX} FERRO, Marc. Imagem. In: LE GOFF, Jacques; REVEL, Jacques; CHARTIER, Roger (orgs.). **A Nova História**. Lisboa: Almedina, 1990, p. 290.

^X VASCONCELLOS, Zacarias de Góes e. **Relatório** do Presidente da Província do Paraná, 1854.

^{XI} A instrução feminina era considerada por ele uma dívida do governo para com esta parcela da população, sendo “[...] um dos meios mais seguros e eficazes de derramar e generalizar pelo povo o ensino primário e o verdadeiro progresso. VASCONCELLOS, Zacarias de Góes e. **Relatório** do Presidente da Província do Paraná, 1854, p. 20.

^{XII} LEFEBVRE, Henri. **O que é a Modernidade**. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

- ^{xiii} VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus A. Tabora (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ^{xiv} A modernização pode ser compreendida enquanto um conjunto de transformações “nas esferas política, econômica e social que caracterizaram os dois últimos séculos” (BOBBIO, 1998, p. 768). Tais mudanças se espalharam no processo conhecido como ocidentalização, método aberto e ininterrupto de influência mútua entre as “instituições, culturas e técnicas” (BOBBIO, 1998, p. 768) e que caracterizou a modernização que, por sua vez, propiciou uma variedade de formas políticas, econômicas e sociais. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11ª e. Brasília: UNB, 1998.
- ^{xv} ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889)**. Trad. Antonio Chizzoti; ed. crítica Maria do Carmo Guedes. 2ªed. rev. São Paulo: EDUC, 2000, p. 53.
- ^{xvi} SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.
- ^{xvii} PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ^{xviii} DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação**. Revista XIX: Artes e técnicas em transformação, v. 1, n. 4, 2017.
- ^{xix} O Jornal “Dezenove de Dezembro” circulou entre os anos de 1854 e 1890. Ver PEZZOLE, Dino Ricardo. **Jornal “Dezenove de Dezembro”**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Design da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba: 2006.
- ^{xx} MIZUTA, Celina Midori Murasse. **Imprensa e educação no Paraná durante o Governo de Zacarias de Góes e Vasconcellos, 1853-1855**. IX Seminário de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2012. Anais eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.
- ^{xxi} Esse periódico semanal publicado entre 1852-1855, contava com colunas de moda, belas-artes, teatro, partituras de música e folhetins. Ver LIMA, Joelma Varão. **“Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na Corte**. CADERNOS CERU, série 2, v. 21, n. 2, dez. 2010. Este impresso discutiu a instrução das mulheres de forma direcionada à elas, entretanto, não deixou de travar debates dirigidos aos homens a fim de obter apoio para a causa. Ver DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação**. Revista XIX: Artes e técnicas em transformação, v. 1, n. 4, 2017.
- ^{xxii} ANÚNCIOS, *Dezenove de Dezembro*, 28 de mar.1855, p. 3
- ^{xxiii} PROSPECTO, *O Jasmim*, 9 de set. 1857, p. 4.
- ^{xxiv} São as edições 1, 2, 3, 5 e 8). Não se sabe ao certo se existiram outras edições além da de número 8. As edições localizadas, mesmo que com intervalos entre elas, já são o resultado dos esforços da pesquisadora CAROLLO, Cassiana Lacerda. Apêndice. **O Dezenove de Dezembro**, Nota Informativa. In: *O Dezenove de Dezembro*. Edição fac-similar – Ano II. Curitiba: Paraná - Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1980.
- ^{xxv} ANÚNCIOS, *O Jasmim*, 08 de nov. 1857, p. 4.
- ^{xxvi} ANÚNCIOS, *Dezenove de Dezembro*, 24 de abr. 1879, p.4. A Hemeroteca contém 4 edições do ano de 1879, 1 de 1880 e 7 de 1888, do impresso *Echo das Damas*.
- ^{xxvii} Amélia Couto visitou Curitiba no ano de 1887 e na seção *Partida do Dezenove de Dezembro* tem registrada sua volta ao Rio de Janeiro e uma nota publicada onde registra seus agradecimentos ao público curitibano e a proteção dos colegas da *Gazeta Paranaense* e do *Dezenove de Dezembro* (COUTO, 01 de fev.1887, p. 03).
- ^{xxviii} A.C.S., *Echo das Damas*, 18 de abril de 1879, p. 1.
- ^{xxix} A MULHER NA MEDICINA, *Echo das Damas*, 2 de mai. 1879, p.1-2.
- ^{xxx} Imprensa, *Dezenove de Dezembro*, 9 jul. 1886, p. 1. No conteúdo de *A Camélia*, organizado por seis mulheres textos literários, em geral, de romance, notícias sobre bailes e acontecimentos da sociedade. *A Camélia* foi criado em 1890, contudo encontramos menção a ele no ano de 1886, na Província do Paraná, o que nos faz pensar que uma investigação mais aprofundada possa surtir bons frutos sobre o impresso. Ver: CAVALCANTE, Caroline Pazini. **Hemeroteca do ignoto: as vozes das mulheres nos jornais A família e A camélia**. Trabalho de conclusão do curso de especialização em Mídia, Informação e Cultura, USP, 2017.
- ^{xxxi} Imprensa, *Dezenove de Dezembro*, 9 julho 1886, p. 1
- ^{xxxii} MELLO, Graciele Dellalibera de Mello. **As representações de gênero e a educação feminina no Paraná Oitocentista (1849-1886)**. Curitiba, PR. Dissertação – Dep. de Educação, Univ. Federal do Paraná, 2018.
- ^{xxxiii} XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras, 2011. Rio de Janeiro: Senac editora Rio, p. 25.
- ^{xxxiv} Folhetim, *Dezenove de Dezembro*, 1854, p. 1.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

^{XXXV} Nascido em 1803, em família de tradição artística, era filho de Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), veio ao Brasil em 1816, na intitulada “Missão Francesa”. COSTA, Maria de Fátima. **Aimé-Adrien Taunay: um artista romântico no interior de uma expedição artística**. Revista de História e Estudos Culturais, 2007, vol.4 ano IV nº4, p. 3.

^{XXXVI} CAMPOS, Eudes. **Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, Seção de Estudos e Pesquisas, out. 2010, ano 5, n. 27.

^{XXXVII} CAMARGO, Luís Soares. **Dom João VI e o cotidiano das mulheres em São Paulo: um reflexo na moda**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, Seção Manuscritos, São Paulo, mar./abr. 2008, ano 3, n. 17.

^{XXXVIII} Por influências anglo-portuguesa “[...] o roupão havia passado por uma modernização. Continuava ser o mesmo casaco confeccionado com lã grossa e pesada, debriada de veludo negro ou pelúcia e galões dourados, mas agora trazia nos ombros uma pelerine igualmente enfeitada, a exemplo dos trajes masculinos de origem inglesa” BOUCHER, François. *L’histoire du costume, em Occident de l’Antiquité a nos jours*. Paris: Flammarion, 1965 apud CAMPOS, Eudes. Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos. Informativo Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, Seção de Estudos e Pesquisas, out. 2010, ano 5, n. 27, s.p.

^{XXXIX} CAMPOS, Eudes. **Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, Seção de Estudos e Pesquisas, out. 2010, ano 5, n. 27, s.p.

^{XL} A SAIA BALÃO, *Dezenove de Dezembro*, 15 de out. 1859, p. 2.

^{XLI} Idem.

^{XLII} XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras, 2011. Rio de Janeiro: Senac editora Rio, p. 76.

^{XLIII} A moda Neoclássica ou estilo Império chegou ao Brasil com sua “cintura alta, cortada sob o busto, o decote profundo e mangas fofas e curtas”, atendendo às mulheres ricas, as de classe mais baixa, brancas e negras, libertas e/ou não, que tivessem acesso a ela. ORSI, V.; CARMO, L. **Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX**. In: *Moda documenta: museu, memória e design 2015*. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMO/Estação das Letras e Cores, ano 2, vol. 01, n. 01, p. 9.

^{XLIV} Avé-Lallemant chegou ao Brasil em 1836, atuou como médico no Rio de Janeiro e trabalhou no Conselho de Saúde do Império, participou de uma expedição de Alexander von Humboldt no Brasil, mas a abandonou no Rio de Janeiro, partindo sozinho em viagem pelo país com o apoio de D. Pedro II, de onde saíram registros para o livro *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*, de 1858. MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Robert Avé-Lallemant: Viajantes e a Febre Amarela no Rio de Janeiro**. In: Simpósio Nacional de História, 23. Londrina: ANPUH, 2005.

^{XLV} AVE-LALLEMANT, Robert. 1858, **Viagem pelo Paraná**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995, p. 7.

^{XLVI} O traje foi “[...] hostilizado, pois a sociedade patriarcal repudiava qualquer tentativa de mudança nos valores estabelecidos, sendo usado por uma minoria de mulheres mais ousadas, pois, tinha caráter libertador e data de 1851” (XIMENES, 2011, p. 630). Ver XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras, 2011. Rio de Janeiro: Senac editora Rio, p. 630.

^{XLVII} Saint-Hilaire, que escreveu “Viagem a Curitiba e Santa Catarina” (1851): “[...] fazia anotações sobre a fauna e a flora, fazia-as também sobre o nosso povo, seus usos e costumes, suas habitações, seus móveis e utensílios, suas culturas e sua maneira de cultivar”. FERRI, Mário G. **Prefácio**. IN SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978, p. 10.

^{XLVIII} SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978, p. 59.

^{XLIX} CHAVES, M. Liane. **A chita – uma gravura na cultura brasileira**. Anais do 24º Encontro da ANPAP, Santa Maria, RS, 2015, p. 2670.

^L TEIXEIRA, Amanda G. **Joalheria de Crioulas: Subversão e Poder no Brasil Colonial**. Antíteses, v. 10, n. 20, p. 829-856, jul./dez. 2017.

^{LI} MOTT, Luiz. **De escravas à Senhoras**. São Paulo, Jornal Mulherio, 1987. Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/de-escravas-a-senhoras/>, acesso em: 30/03/2020.

^{LII} Ele veio ao Brasil (1872-1875) na “Paraná and Mato Grosso Survey Expedition” a fim de realizar estudos para viabilização de uma ferrovia. Seu livro teve por finalidade tornar público aspectos positivos e negativos do Brasil em prol da colonização da região de Assungüi (a 60 km de Curitiba).

^{LIII} BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, 3 anos em suas florestas e campos (1872/1875)**. Tradução, introdução e notas de Temístocles Linhares, nota biográfica de Newton Carneiro. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974, p. 180.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

^{LIV} TEIXEIRA, Cristina Garcia. **O Rio de Janeiro de José de Alencar: a moda e as transformações sociais da corte fluminense**. Baleia na rede: estudos em arte e sociedade, v. 1, n. 10, 2013.

^{LV} Anúncios, *Dezenove de Dezembro*, 21 de fev. 1855.

^{LVI} MONTELEONE, Joana. **A moda, as cores e a representação feminina no Segundo Reinado (Rio de Janeiro, 1840-1889). 19&20**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/jm_moda.htm>.

Fontes

Periódicos

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Anúncios, 28 de mar. 1855, p. 3.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Imprensa, 9 jul. 1886, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Partida, 01 de fev. 1887, p. 03.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Anúncios, 24 de abr. 1879, p.4

DEZENOVE DE DEZEMBRO, 01 de set. 1886, p. 2.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Folhetim, 5 de ago. 1854, p. 1.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Variedades, 15 de out. 1859, p. 2.

DEZENOVE DE DEZEMBRO, Anúncios, 21 de fev. 1855.

ECHO DAS DAMAS, A.C.S. 18 de abr. 1879, p. 1.

ECHO DAS DAMAS, A mulher na medicina, 2 de mai. 1879, p.1-2

O JASMIN, 08 de nov. 1857, p. 4.

Imagens:

Figurino de Grande Baile, *Jornal das Senhoras*, Tomo II, 01 de ago. 1852, p.7.

Aimé-Adrien Taunay, *Costume de São Paulo*, 1825. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65288/costume-de-s-paul>, acesso em 17/04/2021.

Magasin Des Demoiselles, litografia, 25 mars. 1857, J. Desjardins. Rijksmuseum. Disponível em <https://artsandculture.google.com/partner/rijksmuseum>, acesso em 17/04/2021.

Auguste Debret, *Funcionário público saindo de casa com a família e Uma senhora brasileira em sua casa*, 1835. Biblioteca Brasileira. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3691>, acesso em 17/04/2021.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

Fotografia de Iria Corrêa. José Maria Faria de Freitas – Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Adaptação da técnica de daguerreotipa para fotografia (Iria Cândida Corrêa). Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Iria Corrêa, *Delfica Guimarães*, 1860, Coleção David Carneiro. Museu Paranaense.

Iria Corrêa, *Rita Loyola Marques*, s/d, Coleção David Carneiro. Fonte: Museu Paranaense.

Relatórios Provinciais:

VASCONCELLOS, Zacarias de Góes e. Relatório do Presidente da Província do Paraná, 1854.

Relatos de Viajantes:

AVE-LALLEMANT, Robert. 1858, **Viagem pelo Paraná**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná, 3 anos em suas florestas e campos (1872/1875)**. Tradução, introdução e notas de Temístocles Linhares, nota biográfica de Newton Carneiro. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889)**. Trad. Antonio Chizzoti; ed. crítica Maria do Carmo Guedes. 2ªed. rev. São Paulo: EDUC, 2000.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. **Pais e filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família**. Curitiba, PR. Tese – Dep. de Educação, Univ. Federal do Paraná, 2015.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11ª e. Brasília: UnB, 1998.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS

BOUCHER, François. **L'histoire du costume, em Occident de l'Antiquité a nos jours**. Paris: Flammarion, 1965 apud CAMPOS, Eudes. Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos. Informativo Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, Seção de Estudos e Pesquisas, out. 2010, ano 5, n. 27.

CHAVES, M. Liane. **A chita – uma gravura na cultura brasileira**. Anais do 24º Encontro da ANPAP, Santa Maria, RS, 2015.

CAMARGO, Luís Soares. **Dom João VI e o cotidiano das mulheres em São Paulo: um reflexo na moda**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, Seção Manuscritos, São Paulo, mar./abr. 2008, ano 3, n. 17.

CAMPOS, Eudes. **Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos**. Informativo Arquivo Histórico Municipal, São Paulo, Seção de Estudos e Pesquisas, out. 2010, ano 5, n. 27.

CAVALCANTE, Caroline Pazini. **Hemeroteca do ignoto: as vozes das mulheres nos jornais A família e A camélia**. Trabalho de conclusão do curso de especialização em Mídia, Informação e Cultura, USP, 2017.

COSTA, Maria de Fátima. **Aimé-Adrien Taunay: um artista romântico no interior de uma expedição artística**. Revista de História e Estudos Culturais, 2007, vol.4 ano IV nº4.

DARTNON, Robert. Introdução. In: DARTNON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Imprensa: a imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-20.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Dédie à l'Académie des Beaux-Arts de l'Institut de France, Paris: Firmin Didot Frères, 1835. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802>, acesso em 30/03/2020.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação**. Revista XIX: Artes e técnicas em transformação, v. 1, n. 4, 2017.

_____. **Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX – dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016.

FERRI, Mário G. Prefácio. IN SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

FERRO, Marc. Imagem. In: LE GOFF, Jacques; REVEL, Jacques; CHARTIER, Roger (orgs.). **A Nova História**. Lisboa: Almedina, 1990, p. 289-291.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Curitiba e Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

A MODA FEMININA COMO ARAUTA DO MODERNO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ: UM OLHAR SOBRE A IMPRENSA, RELATOS DE VIAGEM E IMAGENS

**GRACIELE DELLALIBERA MELLO
JUAREZ JOSÉ TUCHINSKI DOS ANJOS**

LEFEBVRE, Henri. **O que é a Modernidade**. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LIMA, Joelma Varão. **“Jornal das Senhoras”**: as mulheres e a urbanização na Corte. CADERNOS CERU, série 2, v. 21, n. 2, dez. 2010.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Robert Avé-Lallemant: Viajantes e a Febre Amarela no Rio de Janeiro**. In: Simpósio Nacional de História, 23. Londrina: ANPUH, 2005.

MELLO, Graciele Dellalibera. **As Representações de gênero e a educação feminina no Paraná Oitocentista (1849-1886)**. Dissertação de Mestrado, PPGE, UFPR, 2018.

MIZUTA, Celina Midori Murasse. **Imprensa e educação no Paraná durante o Governo de Zacarias de Góes e Vasconcellos, 1853-1855**. IX Seminário de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, 2012. Anais eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.

MONTELEONE, Joana. **A moda, as cores e a representação feminina no Segundo Reinado (Rio de Janeiro, 1840-1889)**. 19&20, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/jm_moda.htm>.

MOTT, Luiz. **De escravas à Senhoras**. São Paulo, Jornal Mulherio, 1987. Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/de-escravas-a-senhoras/>, acesso em: 30/03/2020.

PALLARES-BURKE, M. L. **A imprensa periódica como empresa educativa no século XIX**. Caderno de Pesquisa, 1998, p. 144-161.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda**. Edições Texto&Grafia, Lisboa, Portugal, 2014.

ORSI, Vivian. CARMO, Leonardo. **Reflexões sobre o léxico e a moda do século XIX**. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01.

TEIXEIRA, Amanda G. **Joalheria de Crioulas: Subversão e Poder no Brasil Colonial**. Antíteses, v. 10, n. 20, p. 829-856, jul./dez. 2017.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920**. In: OLIVEIRA, Marcus A. Tabora (Org.). Cinco estudos em história e historiografia da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estação das Letras, 2011. Rio de Janeiro: Senac editora Rio.